

Na pequena pensão da Riviera, onde me encontrava então, dez anos antes da guerra, rebentara à nossa mesa uma discussão violenta, que, subitamente, ameaçou transformar-se em furiosa altercação, e chegou mesmo a ser acompanhada de palavras ultrajantes e rancorosas.

A maior parte das pessoas possui apenas uma imaginação fraca. O que não as fere diretamente, enterrando-se-lhes como uma punhalada em pleno cérebro, não as chega a impressionar; porém, se diante dos seus olhos se produz qualquer coisa, mesmo de pouca importância, mas que esteja ao alcance da sua sensibilidade, imediatamente brota nelas uma paixão desmedida. Assim, com uma veemência imprópria e exagerada, essas pessoas compensam, de certo modo, o pouco interesse que têm pelos outros acontecimentos.

Foi o que sucedeu desta vez na nossa sociedade de comensais, o mais burguesa possível, que, de costume, se entregava pacificamente ao *small talk* e a pequenos e ligeiros divertimentos e logo se dispersava após a refeição: o casal de alemães, para fazer as suas excursões e tirar retratos; o dinamarquês rotundo, para praticar a monótona arte da pesca; a senhora inglesa, distinta, para voltar aos seus livros; os esposos italianos, para darem a sua corridinha a Monte Carlo; e eu, para preguiçar numa cadeira do jardim, ou para trabalhar.

Desta vez, porém, ficámos ali todos, muito perto uns dos outros, em acesa discussão; e se um de nós se levantava bruscamente, não o fazia, como é hábito, pedindo delicadamente licença para se retirar, mas num acesso brutal de irritação, a qual, como já expliquei, assumia quase furiosas proporções.

É certo que o acontecimento que excitava a tal ponto a nossa pequena mesa-redonda era bastante singular. A pensão habitada por nós sete possuía excelente aspeto exterior, o aspeto de um palacete isolado (ah, como era linda a vista que se gozava das janelas que davam para o litoral, orlado de rochedos!), mas, na realidade, não passava de uma dependência mais barata do grande Palace Hotel, que estava diretamente ligada com ele pelo jardim, e, assim, nós, os pensionistas do lado, vivíamos, apesar de tudo, em constantes relações com os hóspedes do Palace. Ora, na véspera, este hotel tinha registado um escândalo espantoso.

No comboio do meio-dia, exatamente do meio-dia e vinte (devo indicar a hora com precisão porque é importante, tanto para este episódio como para o assunto da nossa animada conversa), um jovem francês havia chegado ao hotel e ocupado um quarto que dava para o mar: isto, só por si, anunciava já um certo desafio pecuniário. Fazia-se notar agradavelmente, não só pela sua elegância discreta, mas, sobretudo, pela sua extraordinária beleza e simpatia. No meio de um rosto fino, de rapariga, o bigode louro e sedoso acariciava-lhe os lábios, de uma quente sensualidade. No alto da sua fronte, muito branca, espalhavam-se as ondas castanhas e soltas dos seus cabelos anelados; cada olhar dos seus olhos doces tinha o sabor de uma carícia; tudo na sua pessoa era terno, lisonjeiro, amável, sem ter nada, apesar disso, de artificial ou amaneirado.

Visto de longe, na verdade, lembrava um pouco essas figuras de cera cor-de-rosa que, numa elegância estudada e de bengala na mão, encarnam, nas vitrinas dos grandes armazéns de modas, o ideal da beleza masculina. Mas, desde que o olhassem mais de perto, toda a impressão de fatuidade desaparecia, porque nele (facto raríssimo!) a amabilidade era coisa natural e fazia corpo com o indivíduo. Quando passava, cumprimentava toda a gente de forma modesta e cordial, e era um verdadeiro prazer observar como, a todo o momento, a sua graça, sempre solícita, se expandia livremente.

Se uma senhora se dirigia ao vestiário, apressava-se a procurar-lhe o casaco; tinha para cada criança um olhar amigável ou uma

frase alegre; era, ao mesmo tempo, sociável e discreto; em suma, parecia um desses entes privilegiados, a quem a ânsia de ser agradável aos outros, sempre com um rosto sorridente e um encanto juvenil, dá uma graça nova. A sua presença era como um benefício para os hóspedes do Palace, na maior parte já idosos e de saúde precária; e, graças ao seu entusiasmo e espírito moço, ao seu aspeto vivo e juvenil, e a essa frescura que um natural encanto confere tão soberbamente a certos homens, conquistara, sem dificuldade, todas as simpatias.

Duas horas depois da sua chegada, jogava já o ténis com as duas filhas dum gordo fabricante lionês: Annete, de doze anos de idade, e Branca, de treze; e sua mãe, a fina, delicada e reservada M.<sup>me</sup> Henriette, via, sorrindo, como, inconscientemente, as suas rapariguinhas ainda novitas flirtavam com esse jovem estrangeiro. À noite divertiu-nos durante uma hora, jogando o xadrez; contou-nos ao mesmo tempo, com perfeita descrição, algumas anedotas galantes; e passeou também no terraço, durante muito tempo, com M.<sup>me</sup> Henriette, cujo marido, como sempre, jogava o dominó com um comerciante amigo e a quem, muito tarde já, encontrei numa conversa de suspeita intimidade com a secretária do hotel, na sombra do escritório.

No dia seguinte, acompanhou à pesca o meu parceiro dinamarquês, revelando profundos conhecimentos nessa matéria; depois, palestrou muito tempo sobre política com o fabricante de Lião, no que se mostrou também agradável conversador, pois ouvia-se o bom riso do homem gordo suplantar o ruído das ondas do mar.

Após o almoço (é absolutamente necessário, para bem se compreender a história, que eu mencione com exatidão todas estas fases do seu emprego de tempo), passou ainda uma hora a sós com M.<sup>me</sup> Henriette, a tomar café no jardim; tornou a jogar ténis com as raparigas e conversou no vestíbulo com os esposos alemães. Às seis horas, quando levei uma carta à estação, encontrei-o na gare. Veio ter comigo apressadamente, como se tivesse de me apresentar desculpas, e contou-me que era obrigado a partir, pois tinha sido chamado inesperadamente, mas que voltaria daí a dois dias.

À tarde, com efeito, já não se encontrava na sala de jantar; mas era apenas a sua pessoa que faltava, pois em todas as mesas se falava unicamente dele, elogiando-se-lhe o feitio agradável e alegre.

À noite, seriam talvez onze horas, estava eu no meu quarto, prestes a terminar a leitura de um livro, quando ouvi de repente, através da janela aberta, gritos e chamamentos no jardim; no hotel do lado havia, visivelmente, um movimento desusado. Mais por inquietação do que por curiosidade, desci também os cinquenta degraus da escada e fui encontrar os hóspedes e o pessoal num estado horrível de desolação e ansiedade. M.<sup>me</sup> Henriette não voltara ainda do passeio que dava todas as noites no terraço do litoral, enquanto o marido, com a costumada pontualidade, jogava o dominó com o seu amigo de Namur — e receava-se um acidente. Semelhante a um touro, esse homem pesado e calmo, como era habitualmente o lionês, precipitava-se, desvairado, na direção do litoral, e quando a sua voz, alterada pela emoção, gritava na noite: «Henriette... Henriette...», este nome produzia impressão, como que uma impressão de terror, parecida com a que poderia causar um animal gigantesco das idades primitivas quando se sentisse ferido de morte.

Os criados e os porteiros subiam e desciam febrilmente as escadas; acordaram todos os hóspedes e telefonaram para a polícia. Mas, no meio de todo este tumulto, o homem gordo, de colete desabotoado, passava em grandes pernadas, através da noite, soluçando e gritando, de forma insensata, um único nome: «Henriette!... Henriette!...» Entretanto, lá em cima, as crianças acordaram e, nas suas roupinhas de noite, chamavam pela mãe, da janela, enquanto o pai corria para elas, a fim de as tranquilizar.

Deu-se depois qualquer coisa de tão espantoso, que não é possível contá-lo, porque a natureza, violentamente tensa nos momentos excepcionais da crise, dá à atitude do homem tão trágica expressão que nem a imagem nem a palavra a podem reproduzir com verdadeira fidelidade.

De súbito, o pobre homem gordo e pesado desceu os degraus gementes da escada, com o rosto completamente transtornado, cheio de lassitude, e, mesmo assim, feroz, com uma carta na mão.

— Chame toda a gente! — disse, em voz quase impercetível, ao chefe do pessoal. — Chame toda a gente; é inútil procurarem mais: minha mulher abandonou-me!

E havia dignidade neste homem ferido de morte, uma dignidade feita de tensão sobre-humana, diante de toda essa gente que o cercava, que se agrupava, curiosa, à sua volta, para o contemplar, e que logo se afastava confusamente, como que receosa. Teve ainda a força precisa para passar diante de nós, cambaleando, sem olhar para ninguém, e para apagar a luz da sala de leitura; depois, ouviu-se o seu corpo cair pesadamente numa poltrona, e, em seguida, um soluço selvagem e animal, como só o pode soltar alguém que nunca chorou. Esta dor primitiva produziu em cada um de nós, mesmo nos menos sensíveis, uma espécie de efeito estupefaciente. Nenhum criado do hotel, nenhum hóspede, vindo ali apenas por curiosidade, ousou arriscar um sorriso ou sequer uma palavra de comiseração.

Mudos, uns após os outros, como envergonhados por esta tocante explosão de sentimentos, voltámos, silenciosos, para os nossos quartos, enquanto na sala obscura palpitava e soluçava aquele pedaço de humanidade aniquilada, completamente só consigo mesmo, no andar onde, a pouco e pouco, se iam extinguindo as luzes e se ouviam apenas murmúrios, segredos, ruídos débeis e abafados.

É fácil compreender que um acontecimento tão fulminante, passado ali diante dos nossos olhos, fosse de natureza a emocionar pessoas habituadas ao tédio e a passatempos insípidos.

Mas a discussão que a seguir estalou à nossa mesa com tanta veemência e que parecia, com efeito, querer degenerar em vias de facto, apesar de ter por ponto de partida este surpreendente caso, era, em si, sobretudo, uma questão de princípios que se debatiam, e uma oposição calorosa de concepções antagónicas da vida.

Por causa da indiscrição de uma criada que lera a carta (o marido, enraivecido, na sua cólera impotente, havia-a deitado, toda amarrotada, para um canto), soube-se, dentro de pouco tempo, que M.<sup>me</sup> Henriette não partira só, mas sim com o jovem francês, e a simpatia da maior parte daquelas pessoas começou logo a declinar.